

RELATÓRIO narrativo FINAL

“Conhecimento e Inovação - Associações em acção no distrito de Matutuine”



ANO 2 - 1 Janeiro 2012 a 28 Fevereiro 2013

VIDA

Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento Africano
ONGD de Utilidade Pública | MNE nº8296/98

Rua Consiglieri Pedroso, Maputo | Moçambique
moçambique@vida.org.pt

Pátio do Pimenta, nº25, Lisboa | Portugal
vida@vida.org.pt

www.vida.org.pt

ÍNDICE

A - Atividades realizadas	3
Descrição das atividades realizadas	
B - Seguimento dos Indicadores	37
C - Análise dos resultados alcançados	38
D - Conclusões e recomendações	39
E - Anexos	40

A - ACTIVIDADES REALIZADAS

Depois do primeiro ano do projecto dedicado ao alcance dos Resultados 1 «*Através de um levantamento detalhado, as Associações e seus membros conhecem o trabalho associativo que tem vindo a ser desenvolvido no distrito de Matutuíne e seus objectivos e potencialidades futuras*» e 2 «*Através da realização de um plano de actividades, as Associações identificam e definem as áreas formativas e produtivas que mais carecem e as quais necessitam de apoio*»; e salvaguardando, as actividades que pela sua natureza têm repercussões a mais do que um nível da intervenção e a noção de que o trabalho de conhecimento de si próprias está apenas agora a começar para as Associações (e para o Distrito também): podemos dizer que o segundo ano do projecto foi dedicado extensivamente à realização das actividades para os **Resultados 3** «*As Associações do Distrito de Matutuíne estão capacitadas nas áreas organizacional, produtiva e comercial*» e **4** «*Existe uma rede de partilha de informação entre as Associações do Distrito de Matutuíne e as Associações congéneres nos distritos vizinhos, como Boane, e os serviços distritais que apoiam as actividades agrícolas e económicas*».

Durante este ano (2ºano do projeto), realizámos 4 cursos às Associações, 3 rondas de acompanhamento, 1 processo de candidatura para apuramento das Associações a receber as 4 juntas de bois equipadas, 1 visita de intercâmbio, 1 fórum, 4 cursos aos Serviços de Extensão, produzimos e distribuímos 2 boletins das Associações, reabilitámos 30 ha de regadio, plantámos 1 ensaio de fruteiras no Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula e 2 ensaios de variedades híbridas (de alta produção) em áreas das Associações, estabelecemos importantes parcerias com o SETSAN, com o Instituto Agro-Industrial da Salamanga e com a LUSOSEM e fortalecemos as parcerias já existentes com o IIAM e com a RADER. Os maiores resultados foram: (1) a entrega de um grupo de Associações mais conscientes de si e do potencial alcance dos seus esforços como colectivo, que por si definiram e abraçaram a oportunidade de formarem a primeira União Distrital de Matutuíne; (2) o estabelecimento de uma história de confiança com a VIDA, parceira das Associações e parceira do Distrito pelo seu Desenvolvimento.

RESULTADO 3. AS ASSOCIAÇÕES DO DISTRITO DE MATUTUÍNE ESTÃO CAPACITADAS NAS ÁREAS ORGANIZACIONAL, PRODUTIVA E COMERCIAL

Actividade 3.1. Realização de 4 cursos anuais, para os membros das Associações

Os temas seguiram os resultados das Actividades 1.1, 1.2 e 1.3 implementadas durante o primeiro ano e que culminaram no 1º Fórum de 8 e 9 de Junho e na deliberação das áreas de formação de maior interesse:

1º Associativismo

2º Produção Agrícola/Produção Pecuária

3º Comercialização, gestão e elaboração de projectos

Neste quadro surgiu durante o 2º ano a oportunidade e a necessidade de introduzir o tema da Segurança Alimentar e Nutricional, nomeadamente de criar no grupo das Associações um grupo com capacidade de levantamento do estado de segurança ou insegurança alimentar na comunidade; o que fizemos.

Os restantes temas foram conforme o deliberado, e em cada elegeram-se as seguintes formações (segue a lista completa):

Tabela 1 – Capacitações às Associações – até 28/02/2013

TEMA	DATA	FORMAÇÃO	FORMADORES	INSTITUIÇÃO	Nº PARTICIPANTES	
					TOTAL	%MULHERES
PRODUÇÃO AGRÍCOLA	18 e 19 de Abril 2012	Produção de fruteiras para o sector familiar	Eng ^a Cecília Ruth Bila e Eng ^o Carlos Filimone	IIAM	19	42%
GESTÃO DE PEQUENOS NEGÓCIOS	15 e 16 de Junho de 2012	Conceitos básicos para o sucesso financeiro	Iris Yan e Jorge Tembe	TechnoServe	17	59%
SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL	20 e 21 de Setembro de 2012	Técnicas de levantamento do Estado de Segurança Alimentar e Nutricional ao nível comunitário	Eng ^o Hilário Siteo	SETSAN	22	41%
ASSOCIATIVISMO	28 de Fevereiro de 2012	Constituição de uma União Distrital: legalização e funcionamento	Issufo Tankar	RADER	56	54%

PRODUÇÃO DE FRUTEIRAS PARA O SECTOR FAMILIAR | 18 E 19 ABRIL DE 2012

O tema da produção de fruteiras surgiu na sequência da divulgação do diagnóstico de 2011 realizado pelo IIAM das «Necessidades de Produção de Fruteiras na Província de Maputo». Do lado do IIAM havia o reconhecimento do enorme trabalho de recuperação das perdas de património genético e produtivo ocorridas durante os anos de guerra civil, (das variedades melhoradas que existiam no país); e da importância dos pomares em produção na minimização de flutuações de rendimento e alimentos ao longo do ano. Para isso teria que se actuar a dois níveis: (1) distribuição de variedades melhoradas; (2) criar capacidade técnica para a manutenção de bons níveis produtivos e de multiplicação dessas variedades (produção de novas plantas e enxertia).

O distrito de Matutuine foi um dos sinalizados neste estudo como simultaneamente apto e com interesse estratégico na produção de fruteiras porque: o isolamento do distrito determina que a diversidade de alimentos disponíveis seja baixa nomeadamente em frutas e legumes, sendo os frutos alimentos de alto interesse nutricional (que veiculam vitaminas e micro-nutrientes essenciais¹) e que o abastecimento dos seus mercados tenha que ser feito localmente. Por outro lado, o cultivo de fruteiras permite também contrariar a nível da cobertura do solo, os efeitos da desertificação, que no Distrito se tem intensificado por conta da principal fonte de rendimento das famílias, que é a produção de carvão vegetal. Nesse sentido pensou-se de forma ambiciosa, em realizar a formação no âmbito de

¹ As dietas pouco diversificadas são precursoras da chamada ‘Fome Silenciosa’, quando as pessoas conseguem satisfazer as necessidades diárias de proteínas e energia mas não as de micronutrientes.

um programa alargado de promoção do cultivo de fruteiras, com uma componente de ensaios de variedades no Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula e de criação de um grupo de produtores que receberiam algumas plantas a partir da formação e que seriam testemunho quer para o IIAM da sua adaptação aos locais, quer para a comunidade das vantagens no seu cultivo. Neste plano o projecto «Conhecimento e Inovação» assumiria os custos da formação e da compra de plantas para o estabelecimento do ensaio no Centro, que seria instalado no decurso da componente prática do curso; e o IIAM assumiria os custos da distribuição de plantas para os pomares nas Associações.

O programa foi antecedido por uma ronda de encontros durante 3 dias realizada pelos Eng^{os} Carlos Filimone e Cecília Ruth Bila do IIAM e pelo Técnico de Extensão da VIDA com consultas a 9 das Associações, representando 60% das Associações beneficiárias do projecto:

Tabela 2 – Abrangência da consulta

ASSOCIAÇÃO	Nº MEMBROS CONSULTADOS	
	Total	%Mulheres
Manheane	27	23
Djabula	2	2
Manhagane	9	5
Tinonganine	13	8
Caiado	17	11
Machia	5	3
Fábrica de Cal	6	3
Zitundo	6	3
Ponta de Ouro	4	2
TOTAL	89	60

O objectivo da consulta era o ajuste dos conteúdos da formação e a definição dos moldes do programa de promoção do cultivo a implementar junto das Associações. Aproveitámos contudo a deslocação da equipa do IIAM a cada Associação para proceder à entrega dos Certificados da Formação de Novembro de 2011 em «Sanidade das Culturas Hortícolas» (realizada também pelo IIAM).

De forma resumida as principais conclusões retiradas foram:

Tabela 3 – Principais respostas na consulta preparatória do programa de fruteiras.

CULTIVO DE FRUTEIRAS			
EXISTENTES		DESEJADAS	
Quais ?	%	Quais ?	%
Mangueiras	100	Citrinos	100
Mafurreiras	89	Mangueiras	89
Cajueiros	78	Cajueiros	56
Papeiras	44	Abacateiros	56
Bananeiras	44	Mafurreiras	33
Abacateiros	11	Bananeiras	33
		Goiabeiras	22

	Coqueiros	11
Principais receios:		
- <i>destruição por animais</i>	mencionado por 3 Associações	
- <i>maldição da morte do produtor</i>	mencionado por 2 Associações	
- <i>falta de preparação técnica</i>	mencionado por 6 Associações	
Receptividade:		
- todas as Associações mostraram interesse na formação assim como na instalação de pomares		

Quando inquiridas a respeito do número de plantas a receber e do local de instalação do pomar todas foram unânimes em considerar a maior utilidade na entrega individual de 10 plantas, aos membros das Associações a participar no programa. Em 3 casos foi declarado também interesse em estabelecer paralelamente aos pomares individuais, um pomar colectivo na área das Associações: em Manhanga-ne, no Zitundo e na Ponta de Ouro. Esta solicitação foi acompanhada do esclarecimento de que desta forma poderiam separar as áreas de produção a comercializar das de auto-consumo, o que é revelador:

- de Associações efectivamente funcionais²;
- de que o trabalho nas Associações é assumido de uma perspectiva de inserção nos mercados e rendimento, por oposição à produção doméstica voltada para as necessidades alimentares imediatas da família.



Imagens 1,2 e 3 – Momentos da ronda de diagnóstico e ajuste dos conteúdos de formação (da esquerda para a direita): Associações de Manheane, do Caiado e por fim, momento de encerramento do encontro com a Associação Xitlango do Zitundo, com a entrega do certificado ao Extensionista desse Posto Administrativo Eugénio Paulo Bonde³.

A decisão das fruteiras a promover foi de: 3 variedades de laranjeiras, 2 de mangueiras e 2 de cajueiros. Á data da formação apenas se pôde colocar em andamento a parte inicial do programa “formação + ensaios de variedades no CDCD”. A instalação dos pomares nas Associações passou para calendarização futura do IIAM⁴.

A formação foi dada pela Eng^a Cecília Ruth Bila e pelo Técnico Mário Faniquisso e decorreu com o seguinte programa:

² O grupo das efectivamente funcionais é maior que o grupo das que se autopropuseram para uma experiência de pomar com gestão colectiva; mas necessariamente todas as autopropostas estão activas e desenvolvendo o seu trabalho de uma forma eficaz e daí a solicitação feita ao programa.

³ De referir o interesse e participação ímpar deste Extensionista, que solicitava participação nas actividades formativas mesmo quando eram destinadas às Associações.

⁴ Com carta de referência 32/___/MINAG/IIAM-DFDTT-DT/13 de 18 de Março dirigida à VIDA, o IIAM comunica a sua disponibilidade e interesse em retomar o programa iniciado em 2012 e instalar os pomares nos campos dos membros das Associações, o que está no momento programado para se implementar no segundo semestre do ano.

Tabela 4 – Programa do «Curso de Formação em Produção de Fruteiras para os produtores de Matutuine»

18/04/12 – Aula Teórica	
Manhã	1. Introdução à produção de fruteiras <ul style="list-style-type: none"> • Importância alimentar da fruta • Aspectos básicos consideradas no cultivo de fruteiras • Aspectos culturais evocados na produção de frutas 2. Principais práticas culturais para o cultivo da mangueira 3. Principais práticas culturais para o cultivo de: <ul style="list-style-type: none"> • Caju • Abacate
Tarde	4. Principais práticas culturais para o cultivo de: <ul style="list-style-type: none"> • Banana • Ananás 5. Principais práticas culturais para o cultivo de citrinos
19/04/12 – Aula Prática	
Manhã	Pratica 1: Marcação e plantação de um pomar Pratica 2: Principais práticas culturais: Podas, fertilização, rega gota gota usando garrafa
Tarde	Principais práticas culturais: Podas, fertilização, rega usando garrafa (continuação)

A ênfase da formação foi colocada nos aspectos mais práticos, mesmo durante a exposição teórica, feita à base de casos concretos da experiência dos formadores e fazendo apelo aos testemunhos existentes na turma, para que as indicações dadas fossem o mais especificamente dirigidas possível. No segundo dia, foram instalados os ensaios das laranjeiras e das mangueiras – 2 dos 3 campos previstos. Os cajueiros ficaram em viveiro para serem plantados pelos trabalhadores rurais do Centro com supervisão do mapa dos blocos de ensaio para a correcta colocação das variedades feita pelo Técnico de Extensão.

De tudo o transmitido durante a formação, foi recebido com maior interesse os aspectos da plantação do que os de manejo, nomeadamente:

- as marcações entre caldeiras⁵ (linha e entre-linha) e do centro de cada caldeira para deposição do torrão da planta;
- a demonstração prática dos cortes e ligações de enxertia.

⁵ Espaço da cova onde planta é colocada mais o perímetro de rega útil.



Imagens 4, 5 e 6 – Momentos da formação (da esquerda para a direita): na sala de formação e nos momentos de formação, respectivamente ilustrando a marcação do centro da caldeira e dos cortes de enxertia (ambos com técnico Mário Faniquisso).

A sementeira ou plantação em linha assim como outros aspectos semelhantemente elementares da técnica agrícola, são revelações tão arrebatadoras quanto determinantes do sucesso dos cultivos neste grupo de Associações, o que é revelador do grau de carência de informação existente.

CONCEITOS BÁSICOS PARA O SUCESSO FINANCEIRO | 15 E 16 DE JUNHO DE 2012

O curso em gestão de pequenos negócios foi facilitado pelos técnicos das áreas de formação e pesquisa Íris Yan e Jorge Tembe da TechnoServe. A TechnoServe actua preferencialmente ao serviço dos pequenos e médios empreendedores em contextos económicos e sociais desafiantes de países Africanos e da América Latina; seja em assistência directa aos negócios seja na criação de capacidade de que esses negócios e oportunidades se criem e realizem com a maior eficácia e sucesso possível. A sua capacidade intervenção neste nível é altamente especializada, nomeadamente a capacidade de introduzir conceitos abstractos de contabilidade e finanças num contexto de analfabetismo.

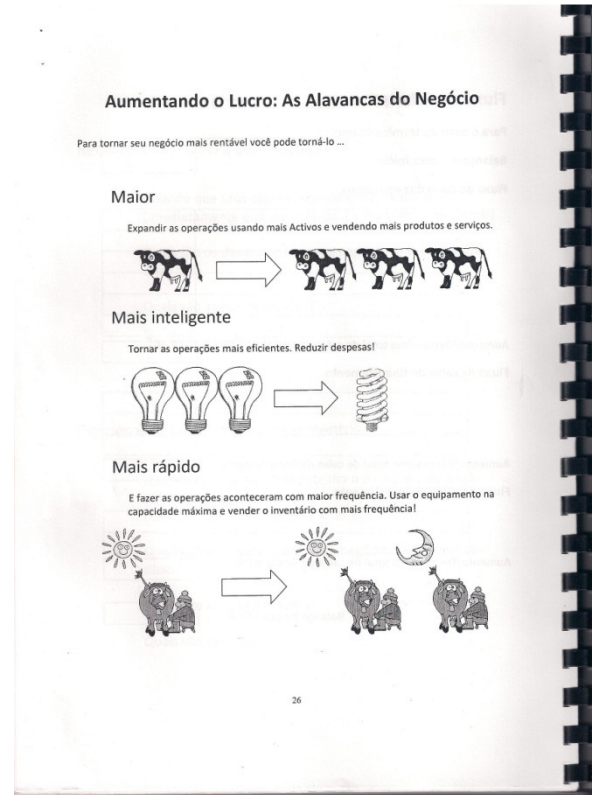
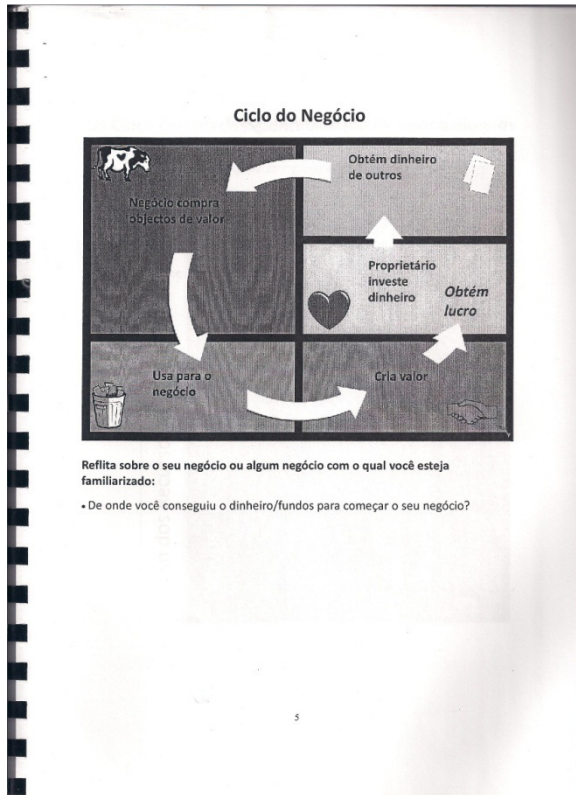
Em termos de estratégias, faz-se apelo à componente lúdica e de tradução dos exercícios nas dimensões concretas destes negócios, de escala familiar. Considerando 3 categorias na avaliação de uma formação: mérito do formador, do tema, da metodologia; nesta formação – e sem desfazer méritos também devidos aos formadores e ao tema -, tivemos o privilégio de assistir e oferecer um caso exemplar de aplicação pedagógica e preparação de conteúdos. Conforme é mencionado no relatório de preparação da formação e que passamos a citar como representativo do grau de consciência e de preparação da função formativa:

«Com a metodologia do treino “aprendizagem acelerada” parte-se do princípio que as pessoas aprendem de formas diferentes. Algumas pessoas são mais auditivas, outras mais visuais, outras aprendem enquanto estão a fazer. Desta maneira, a formação de dois dias inclui materiais visuais como posters, estímulos auditivos como músicas, jogos e histórias para que os participantes aprendam de maneira lúdica [podendo ser “acelerada” porque é específica e cognitivamente sensível]. As dinâmicas incluem trabalho em duplas, divididos em grupos e com a turma no seu conjunto; além da proposta de momentos de reflexão individual sobre o negócio de cada um.»

(Excerto da apresentação do pacote formativo “Chaves para o Sucesso Financeiro”, TechnoServe)

A formação decorreu durante dois dias e teve como objectivo capacitar o participante (1) da importância de realizar de forma organizada e sistemática os cálculos de contabilidade e finanças dos seus investimentos; e (2) de os executar. Ao longo desse processo, termos como *activos*, *passivos*, *balanço*,

património, lucro, despesas, custos directos e indirectos foram tornados compreensíveis e concretizados a partir da realidade dos formandos. Cada aluno recebeu o seu manual.



Imagens 7 e 8 – Páginas do manual referentes ao Ciclo do Negócio e da Expansão do Negócio (pp. 5 e 26 respectivamente)

O programa decorreu ao longo dos seguintes pontos:

- Apresentação do ciclo do negócio;
- Apresentação de termos financeiros comuns, como custos variáveis, custos fixos, activos, passivos, contas a pagar, contas a receber, vendas, receitas, custos de produto vendido, etc.;
- Como registar as movimentações financeiras e a folha de balanço;
- Apresentação da demonstração de resultado e o cálculo do lucro;
- Apresentação do fluxo de caixa;
- Análise de relatórios financeiros e discussão sobre saúde do negócio.

Com o objectivo de capacitar a:

- Determinar as opções e decidir as acções que tornarão o negócio melhor sucedido;
- Avaliar o estado e a saúde do negócio;
- Ver tendências, oportunidades e perigos;
- Evitar riscos previsíveis, minimizar riscos e maximizar benefícios;
- Tomar melhores decisões sobre vendas e despesas, onde comprar, quando comprar;
- Saber que informação é útil e porquê;
- Ser capaz de fazer a interpretação mais útil sobre os dados;
- Saber quanto está a ter de lucro e como o melhorar;
- Ter acesso a financiamento quando necessário.



Imagens 9, 10, 11 e 12 – Exercícios de (fotografias da esquerda para a direita): distribuição do património pelas diferentes categorias contabilísticas; princípio dos ‘saldos zero’ de cada transacção do negócio (activos = passivos + património líquido); preenchimento da folha e balanço de cada negócio (em grupo); reflexão sobre sentido e utilidade dos relatórios financeiros.

No momento de reflexão final, sobre os dois dias, foi interessante notar que na totalidade das intervenções que foram 6, apenas 1 deu ênfase a questões não as imediatamente relacionadas com a formação (neste caso concreto, discutiu os acertos e as falhas no que tocou à alimentação); as restantes 5 versaram exclusivamente os conteúdos e ferramentas conquistadas relativamente ao que era o anterior processo de organização da comercialização e reinvestimento. Achámos as seguintes particularmente reveladoras:

«Fiquei a saber quanto estamos *realmente* a ganhar com o nosso trabalho.» (Alexandre Lampião, Manheane)

«Aprendi finalmente a calcular o custo de produzir as minhas batatas.»
(André Mucavele, Caiado)

«Depois do que aprendi aqui vou precisar de uma balança, pois esperamos [na Associação] ter nove toneladas de feijão verde para vender e temos que saber exactamente quanto produzimos e quanto vamos vender.» (Fabião Mamitele, Manhanga-ne)

TÉCNICAS DE LEVANTAMENTO DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (SAN) NA COMUNIDADE | 20 E 21 DE SETEMBRO 2012

A formação de agentes inquiridores do estado de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), seguiu a oportunidade de inclusão de Matutuíne no Levantamento Nacional, a realizar em Novembro desse ano. A oportunidade seguiu: o contacto feito pela VIDA ao SETSAN; o conhecimento de que estava previsto um levantamento a nível nacional; e que nos distritos sinalizados como vulneráveis não constava Matutuíne, não porque não fosse reconhecido como vulnerável, mas porque estava praticamente esgotada a capacidade de inquérito. Propusemos então a colaboração, no que estivesse ao alcance dos nossos (1) meios técnicos, (2) contactos directos com as comunidades trazidos pelo trabalho no âmbito do projecto (3) e da facilidade de alojamento no Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula; que foi aceite e Matutuíne incluído no elenco final de distritos a monitorar⁶ - pela primeira vez desde a criação do SETSAN em 2010.

No relatório da visita de preparação do trabalho com Matutuíne e que decorreu, seguindo o sugerido pela VIDA, com as comunidades de Djabula, Cassane e Manheane, refere-se a especificidade e urgência da situação que se encontrou:

«Moçambique é um País vulnerável a problemas alimentares e nutricionais. Segundo o Inquérito Demográfico e de Saúde (IDS) de 2011 a taxa de desnutrição crónica em Moçambique situa-se nos 43 por cento e a deficiência em micronutrientes, tais como a Vitamina A, afecta cerca de 66 por cento das crianças em idade pré-escolar e é uma das causas da mortalidade infantil.

A situação encontrada em Matutuíne não me surpreendeu porque este mal, distribui-se um pouco por todo Moçambique, nomeadamente a situação da água e fraca alimentação, principalmente neste período, considerado de escassez de alimentos.

A grande indignação é o facto de esta situação tão grave estar a acontecer às portas da capital do País, e ser pouco reportado para os órgãos do Estado que tem responsabilidade de encontrar soluções para o efeito.

Trata-se de uma comunidade desprovida de recursos adicionais que sirvam de alternativa quando há escassez de alimentos, como foi no período da visita realizada, precisando deste modo de apoio sistemático em projectos económicos e mesmo sociais.» (Relatório de reconhecimento do Distrito de Matutuíne, SETSANp-Maputo, Hilário Siteo)

É de referir que a amostra sobre a qual se faz o levantamento nacional⁷ passa a gozar de um canal privilegiado de comunicação com o Ministério da Agricultura que lhe permite mais facilmente solicitar apoio alimentar; seja em forma de projectos para a produção alimentar seja em apoio alimentar imediato até à recuperação dos agregados familiares em situação crítica.

O Levantamento Nacional de Novembro de 2012 acabou sendo realizado a partir de informação recolhida com 'Grupos Focais' das comunidades⁸. Mas como à data o previsto era trabalhar directamente

⁶ As actividades de coordenação da VIDA com o SETSAN passaram a ter lugar na mesa redonda de parceiros que o SETSAN preside, o GAV: Grupo de Análise de Vulnerabilidade.

⁷ Na premissa de que os distritos monitorados são os mais críticos.

⁸ O que permitiu trabalhar com menor número de inquéritos e agentes inquiridores, portanto dispensar os grupos de inquérito das Associações.

a partir dos ‘Agregados Familiares’ e era necessário criar a capacidade técnica nas Associações que permitisse serem as próprias Associações a veicular o ‘Status SAN’ das suas comunidade, realizámos a formação no sentido de introduzir o conjunto de conceitos associados ao tema: segurança alimentar e nutricional, grupos vulneráveis à insegurança alimentar e *status* alimentar da comunidade; e de - criar capacidade de interpretar e preencher os inquéritos. A formação foi realizada pelo Eng^o Hilário Siteo, chefe da delegação provincial do SETSAN de Maputo em coordenação com a Unidade de Formação do SETSAN nacional⁹.

Tabela 5 – Programa do Curso em «Técnicas de Levantamento de Estado de Segurança Alimentar e Nutricional na Comunidade»

20/09/12	
Manhã	1. Introdução e conceitos ligados à Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) <ul style="list-style-type: none"> • Os conceitos de SAN • Os pilares de Segurança Alimentar e Nutricional • Níveis de organização administrativa vs. pilares Segurança Alimentar e Nutricional • Factores que influenciam a disponibilidade, o acesso e a utilização dos alimentos nos níveis meso e micro
Tarde	2. Vulnerabilidade e Riscos <ul style="list-style-type: none"> • Riscos e Estratégias de gestão de riscos • Grupos vulneráveis, Insegurança Alimentar, pobreza, fome e desnutrição 3. Técnicas de Levantamento de SAN <ul style="list-style-type: none"> • Importância da comunidade conhecer o seu status alimentar
21/09/12	
Manhã	3. Técnicas de Levantamento de SAN (cont.) <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos inquéritos-tipo • Treino dos inquéritos-tipo
Tarde	4. Análise do trabalho prático <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação dos resultados do treino dos inquéritos • Análise e discussão dos resultados

Como em nenhuma outra, esta formação teve o dom de trazer reconciliação¹⁰ em temas tão difíceis que podemos dizer que são *tabu*, como a pobreza e a fome.

Vistas de dentro da comunidade, a pobreza e a fome, dispõem-se ao longo de uma escala milimétrica onde cada milímetro acima ou abaixo tem o mérito de permitir a cada um contar a sua história a partir na infinita proximidade que garante a todos, mesmo na desventura, a pertença a um tecido comum. Como termos englobantes, ‘pobreza’ e ‘fome’ têm pois, pouco ou nenhum significado; apesar de todos saberem o que é dormir com fome, tentar adormecer um filho que chora porque tem fome ou esperar simplesmente um dia em que não há nada para comer passar. Aceitar os termos ‘pobreza’ e ‘fome’ como termos que definem o seu modo de vida são violações da sua dignidade pessoal e co-

⁹ O SETSAN nacional ou central (SETSANc) está sob a tutela directa do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural com sede no Instituto de Investigação Agrária de Moçambique, ao passo que os SETSAN provinciais (SETSANp) estão sob a tutela dos Governos das Províncias, com sedes nas Direcções Provinciais de Agricultura.

¹⁰ Aos que tiveram o privilégio de a receber em primeira mão e estar presentes nestes dias no Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula com o Eng^o Hilário Siteo.

lectiva e como tal serão rejeitados – o que conta é a tal escala milimétrica em que tudo entra numa dinâmica de compensações e significados. Talvez não sejam rejeitados explicitamente mas a comunicação sofrerá um corte e não será eficiente. O tema era por isso desafiante porque todo ele corria ao longo dessa linha de divisão de águas, das categorias sociais bem definidas a partir de uma matriz intelectual e cultural externa; em contraposição à percepção da comunidade de si própria, que é de campos cinzentos.

A reconciliação ocorreu no sucesso da condução do tema, que foi o sucesso na justaposição das grelhas de caracterização e interpretação de uma comunidade e a própria comunidade que nelas se reviu; e no que isso representou: em novos significados e dimensões ao se verem como parte de um ciclo maior, onde termos como ‘Segurança Alimentar’ não só deixam de ser abstractos como passam a ser senhas de resgate e de uma política e economia positiva que os vê, os sinaliza e os apoia numa situação de crise. E nisso mérito do formador. A língua da ajuda humanitária e ao Desenvolvimento é uma e a das comunidades é outra e para se trabalhar no ponto de encontro é preciso ser bilingue, mesmo que ambos falem em português.

O ambiente no encerramento era de uma certa exacerbação de ânimos, com ‘vivas’ em erupção em vários pontos da sala. A linha do discurso das observações finais foi de uma maneira geral de apreciação da nova capacidade de relatar o estado alimentar das famílias e da comunidade mas havia também a compreensão de um todo maior, que não foi exclusivo desta formação, mas que a formação implicitamente tinha exaltado. O testemunho final da D. Matilde Tembe de Tinonganine foi expressão disso:

«Apreciei muito tudo o informado. O engenheiro Siteo é nossa família e agora posso transmitir a situação da minha comunidade. Mas quero agradecer também todos os cursos, estar na mesma sala que os colegas de Djabula, da Ponta de Ouro, de Manhanganine. Onde eu iria conhecer? Agora somos todos uma família só.»



Imagens 13 e 14 – Dois momentos do curso: à direita dinâmica de grupos no treino de preenchimento dos inquéritos.

Não foi necessário convocar o capital técnico criado no Levantamento de Novembro mas ficou criada a equipa ao serviço de Matutuíne.

A actividade formativa foi realizada concomitantemente ao Fórum. Tendo a decisão, em plenária, pela passagem de grupo de Associações a União Distrital, sido tomada no Fórum de Boane a 20/12/2011 e reiterada ao longo do ano, nas diversas oportunidades de encontro geradas pelas actividades programadas; a última formação do projecto pôde por isso, avançar no sentido da criação da União Distrital. Nesse sentido, foram procuradas formas de realizar a formação na Salamanga, centro de maior dinamismo do Distrito e de haver representação da Administração do Distrito, ao máximo nível e ao nível das chefias das localidades, para a legitimação política dos trabalhos a realizar. A Formação e Fórum realizaram-se durante dois dias, no Instituto Agro-Industrial da Salamanga e, na sequência dos Fóruns e Formações anteriores neste tema (da regulamentação Associativa), foram conduzidos e moderados pelo Eng^o Issufo Tankar da RADER (Rede das Associações e Cooperativas pelo Desenvolvimento Rural de Moçambique). Os trabalhos iniciaram com uma sessão de abertura formal com discursos e representações pela seguinte ordem:

- VIDA, coordenadora do projecto
- Vice-director do Instituto Agro-Industrial da Salamanga
- Director da SDAE¹¹
- Chefe da Localidade de Salamanga
- Grupo de Líderes das Associações

Como convidados estiveram também presentes: a extensionista residente na Salamanga Berta Cajumbe; um grupo de 4 senhoras em representação do grupo das Mulheres Rurais da Catembe; e o Sr. Henriques Malenda em representação da Associação dos Amigos de Matutuíne, a qual preside. Pretendia-se com a vinda destas Associações homólogas, enriquecer o debate no decurso dos trabalhos e maximizar o seu impacto no Distrito.

O Grupo de Líderes das Associações preparou um comunicado oficial. No comunicado:

- evocava-se a tentativa anterior de constituição de uma União ao nível do Distrito, que caiu por terra antes de se concluir,
- reconhecia-se a importância estratégica da criação de uma União Distrital para a saída do estado de atraso profundo em que a agricultura e o Distrito se encontram mergulhados,
- e portanto a enorme oportunidade oferecida, de se vir finalmente a constituir a União.

Na conclusão do comunicado, mencionam a noção retida das acções de 2 anos de trabalho da VIDA com as Associações:

«queremos de viva voz agradecer ao projecto VIDA por tudo o que tem feito em pról da elevação ao viver em Associação no Distrito, e exortamos o Governo Distrital, para no que for da sua competência, para tornar realismo a formação da União Distrital das associações e consequentemente a sua integração na União das Associações da Província.» (Comunicado das Associações lido na Sessão de Abertura da ultima actividade formativa do projecto ¹²)

¹¹ Serviços Distritais das Actividades Económicas.

¹² Apresentado na íntegra em anexo.

O programa decorreu com os seguintes pontos:

Tabela 6 – Programa da 4ª Formação às Associações do ano (3ª em Associativismo do projecto) e do Fórum de encerramento do projecto

FORMAÇÃO	(1) Discussão das principais oportunidades e desafios na passagem para União
	(2) Procedimentos e documentação para a legalização da União
	(3) Apresentação dos estatutos-tipo
FÓRUM	(4) Votações:
	- dos estatutos da União
	- dos representantes das Associações na União
	- da Comissão Instaladora
	- do plano de Actividades

Entre a apresentação dos estatutos-tipo e a votação dos estatutos da União, o grupo foi dividido em três, cada um representando uma proposta de estatutos a votação. Os pontos de deliberação foram¹³:

- Nome da União
- Localidade da Sede
- Objectivos
- Composição dos órgãos sociais
- Duração e limitação dos mandatos
- Montantes de jóias e quotas
- Direitos e deveres dos membros
- Critérios de elegibilidade das Associações a membros da União
- Património
- Condições de dissolução da União

No decurso dos trabalhos os convidados/observadores (Associação dos Amigos de Matutuíne, Grupo da Machamba Comunitária de Djabula e das Mulheres Rurais da Catembe) entraram num crescendo de interesse pela progressão dos trabalhos, sendo integrados nos grupos de redacção dos estatutos. Manifestaram então publicamente o interesse de virem a ser integrados na União.

O nome aprovado foi **UAAMAT – União das Associações Agrícolas de Matutuíne** e a sede Salamanga. Nos critérios de elegibilidade, estabeleceu-se que só seriam aceites as Associações baseadas em Matutuíne, assim excluindo a possibilidade de integrar o grupo das Mulheres Rurais da Catembe, uma vez que a Catembe tem estatuto de Distrito Municipal, portanto administrativamente independente de Matutuíne.

Com a aprovação dos Estatutos encerrámos o primeiro dia com acesa participação de todos. Á semente da cauda de um cometa que se adensa na aproximação ao ponto de impacto, cada artigo decidido somava aos anteriores uma névoa de discussão nas várias direcções que despertavam no empolgante momento que se vivia: o da participação na construção dos pilares do bem comum (participação política) a que se aspirava através da União. Num dos intervalos, e quando já caminhávamos

¹³ O documento com a proposta dos estatutos apresenta-se na íntegra em anexo; assim como o dos primeiros passos da União, contendo as listas completas do grupo dos representantes de cada Associação na União, da Comissão Instaladora e do Plano de Actividades.

para o anoitecer – sem que esmorecesse o interesse na prossecução dos trabalhos apesar do avançar da hora – o Sr. Langa partilhou a sua leitura daquele momento:

«Coisas muito importantes estão-se a passar. Até quem se pensava que não sabia falar, afinal fala e tem opinião pensada. Agora não podemos parar.»
(José António Langa, Associação da Salamanga, em comunicação pessoal¹⁴)



Imagens 15, 16, 17 e 18 – Quatro momentos da primeira ronda de votações (fotografias da esquerda para a direita): Sr. André Mucavele e Sr. Henriques Malenda em dois momentos da questão muito debatida, dos montantes de pagamento das Jóias e Quotas; votação do nome da União; registo da primeira deliberação – nome da União – e preparação da deliberação relativa ao local da sede.

O segundo dia iniciou com a leitura da proposta dos Estatutos aprovados no dia anterior, que ficaram na posse de cada participante, para comunicação posterior nas suas Associações. Seguiram-se as eleições dos representantes de cada Associação na União e da Comissão Instaladora da União. A Comissão Instaladora foi eleita a partir do grupo dos Representantes das Associações na União.

¹⁴ Faleceu repentinamente 15 dias depois.



Imagens 19 e 20– Momentos da eleição dos Representantes de cada Associação na União Distrital (da esquerda para a direita): chamada da representante eleita da Associação de Djabula Catarina Tembe; grupo completo dos representantes (faltando apenas o Sr. João Tivane de Machia, eliminado do enquadramento à direita.

No encerramento definiram-se então as etapas necessárias para dar seguimento à União, que seriam:

- Apresentação e discussão da proposta de Estatutos
- Redacção final dos estatutos e ratificação em assembleia
- Eleição dos Órgãos Sociais
- Entrega da documentação na Administração

Neste processo a plenária lançou um forte apelo à VIDA, para que não lhes suspendesse o apoio, que seria fatal sobre o início da União, já que o estado incipiente ainda não lhes assegura capacidade de auto-organização. A VIDA explicou que o financiamento oficial dirigido ao apoio da organização das Associações em rede, cessava com esta acção, mas que no que fosse possível acomodar no plano de actividades futuro, todo o apoio seria dado no sentido de proteger esse marco tão importante quanto – ainda – frágil: a UAAMAT.

Atividade 3.2. Realização de 5 cursos avançados para técnicos da Direcção Distrital de Agricultura

Após a realização de 1 curso avançado no 1º ano do projecto, ficaram 4 por realizar no 2º ano. A experiência do 1º curso no 1º ano disse-nos que: os serviços de extensão têm pouca disponibilidade de tempo e pouca mobilidade entre as zonas de serviço e a sua Sede Distrital; e, (talvez) em consequência disso, pouca tolerância a temas que não considerem absolutamente imprescindíveis. Sondámos com os técnicos que temas seriam esses e encontramos unanimidade num: Informática – nas ferramentas utilitárias Word, Excell, Power Point e Internet.

Optámos por isso por organizar os 4 cursos em dois módulos de 2 cursos cada, por forma a concentrar as actividades no tempo.

Por outro lado, o grande interesse e necessidade deste tema no funcionamento dos Serviços, levou a que nos fosse pedido estendermos a participação também aos funcionários administrativos da SDAE, o que foi aceite.

Os cursos foram distribuídos pelos Módulos da seguinte forma:

Tabela 7 – Programa dos Cursos em Informática: Módulo I

Módulo I	Nº PARTICIPANTES			DATAS	CURSOS
	SDAE EXT.	T	M		
			5	29 e 30/05/2012	<u>INTRODUÇÃO Á INFORMÁTICA</u> (1) Tecnologias de Informação; Ergonomia e Segurança; Direitos de Autor e Lei Moçambicana; Hardware e Software; Gestão do computador; Gestão de Ficheiros e informação.
			1		
			10		<u>INTRODUÇÃO AO WINDOWS I</u> (2) Processamento texto – Word (3) Produção de apresentações – Power Point
			5		

Legenda: SDAE EXT. Serviços de Extensão dos Serviços Distritais de Actividades Económicas, SDAE ADMNS. Serviços Administrativos dos Serviços Distritais de Actividades Económicas; Nº de participantes T – total, M – Mulheres

Tabela 8 – Programa dos Cursos em Informática: Módulo II.

Módulo II	Nº PARTICIPANTES			DATAS	CURSOS
	SDAE EXT.	T	M		
			6	09 a 11/10/2012	<u>INTRODUÇÃO AO WINDOWS II</u> (4) Manuseamento de folhas de cálculo – Excell
			1		
			9		<u>INTERNET</u> (5) Componentes e funcionalidade (6) Abertura de contas email e uso de motores de busca
			7		

Legenda: SDAE EXT. Serviços de Extensão dos Serviços Distritais de Actividades Económicas, SDAE ADMNS. Serviços Administrativos dos Serviços Distritais de Actividades Económicas; Nº de participantes T – total, M – Mulheres.

Os cursos foram ministrados pelo adjunto da coordenação do projecto¹⁵ João Cordeiro e realizados na Sede Distrital da Agricultura (SDAE). Para a sua realização foram mobilizados quatro computadores da VIDA e disponibilizados pela SDAE três computadores (um dos quais o desktop oferecido pelo projecto em Dezembro de 2011). As turmas foram divididas em Serviços de Extensão e Serviços Administrativos por forma a não ultrapassar um número máximo de dois formandos por computador. Quer no primeiro como no segundo módulo, as aulas foram marcadas por alta participação e curiosidade dos presentes, relativamente aos conteúdos oferecidos. No primeiro Módulo o tema que angariou maior interesse foi a produção de apresentações em Power Point; no segundo foi a abertura de caixas de correio online.

¹⁵ Em serviço voluntário ao projecto entre Março e Outubro de 2012.



Imagens 21 e 22 – Turmas de Extensão e Serviços Administrativos da SDAE durante cursos do 1º Módulo.

Os certificados das formações foram entregues a 17/12/2012 em Bela-Vista. Com os certificados ofereceu-se a cada participante um dispositivo de memória externa com capacidade de armazenamento de 4 GB.



Imagens 23 e 24 – Entrega do certificado a Penina Maúnde dos serviços administrativos e entrega da memória externa ao extensionista da veterinária, Costa Bape, após a entrega do certificado.

Atividade 3.3. Aquisição de equipamentos e materiais para dinamizar actividades Produtivas

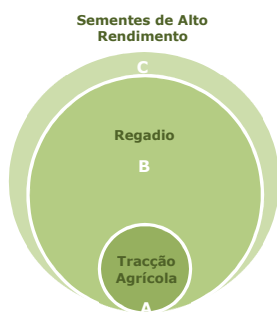


Imagem 25 – Modalidades de entregas às Associações

Às entregas previstas das juntas de bois e do equipamento de rega acrescentámos a entrega de sementes de alto rendimento¹⁶. Não completámos o ‘pacote tecnológico’ teórico¹⁷ (mesmo porque o número de juntas era inferior ao número de Associações) mas pensamos que:

- com estas vertentes se proporcionou um bom compromisso de valorização da produção;
- [e como estamos a dar seguimento ao trabalho no Distrito], vamos avançando paulatinamente, vendo os rendimentos de cada acção e fazendo crescendos integrados.

O pacote completo disponibilizado constou de:

- 456 embalagens sementes hortícolas (120 de Couve Tronchuda Portuguesa, 120 de Tomate Cal J, 120 de Pimento Califórnia Wonder e 96 de Cebola Texas Grano)
- 105 kg sementes de milho híbrido (30 kg de Híbrido 513, 75 kg de Híbrido 403)
- 2 ensaios de 7 variedades de milho híbrido
- 600 m de tubagem de rega para moto-bomba
- 1450 m² de tubagem gota-a-gota
- 4 juntas de bois equipadas para preparação completa das áreas (charrua e grade de bicos)

Sendo que, (1) todas as Associações receberam sementes, (2) todas menos uma receberam equipamento de rega¹⁸ (3) e quatro receberam juntas de bois: podemos descrever 3 ‘modalidades de entrega’ de equipamentos e materiais, conforme o esquema acima. Cada entrega é definida por uma circunferência de área proporcional ao número de Associações que beneficiou. As circunferências são então sobrepostas a partir do princípio de que todas as Associações receberam sementes, todas as que receberam equipamentos de rega receberam sementes e todas que receberam juntas receberam equipamento de rega e sementes. A intercepção destas 3 entregas origina por isso 3 espaços/‘modalidades de entrega’:

- das Associações beneficiadas com tracção agrícola, recuperação de regadio e sementes de alto rendimento (A);
- das Associações que receberam equipamento de rega e sementes (B);
- e das Associações que receberam apenas sementes (C).

¹⁶ Sementes certificadas em Moçambique (com testes de rendimento das variedades em Moçambique realizados e aprovados) e com alto poder germinativo.

¹⁷ Que inclui também fertilizantes, pesticidas e herbicidas.

¹⁸ Associação do Zitundo. O caso particular desta Associação é o seguinte: os 2 ha de produção da Associação são irrigados por um sistema gota-a-gota alimentado pela moto-bomba. As duas fórmulas que usámos para decisão a respeito do equipamento de rega ficaram por isso comprometidas: solução A – a Associação tem moto-bomba logo entregamos equipamento de distribuição de alto calibre; solução B – a Associação não tem moto-bomba logo entregamos sistema gota-a-gota. Neste caso, a proposta de entrega de tubagem acessória à moto-bomba foi recusada porque conforme nos indicaram, cada vez que fossem ligar a tubagem de alto calibre teriam que desligar a de gota-a-gota o que estava fora de questão.

Estas Associações são:

Tabela 9 – Entregas de equipamentos e materiais por associação

A	Manhangane, Manheane, Machia e Salamanga
B	Ponta de Ouro, Fábrica de Cal, Caiado, Tinonganine, Djabula
C	Zitundo

A entrega de equipamentos e materiais proporcionou momentos de grande aproximação às Associações. Depois de 2 anos a «sofrerem»¹⁹ formações, foi com muita alegria que verificaram o total alcance do projecto. Mas principalmente aproximou-nos a necessidade de fazermos planos e entregas personalizados para cada caso. As machambas ganharam dimensões muito concretas, nas suas potencialidades e constrangimentos.

JUNTAS DE BOIS

Sendo o número de juntas a entregar inferior ao número de Associações, foi necessário usar um critério que permitisse qualificar umas e eliminar as outras. Para que o processo de selecção decorresse da forma mais transparente e inclusiva possível abrimos um concurso. A candidatura teve três momentos:

- 1º Todos os membros da Associação tomam conhecimento da possibilidade de conseguirem uma Junta de Bois equipada mas em concurso com as outras Associações do grupo: nesse momento são informados das condições e recebem o regulamento do concurso e o formulário da candidatura (ambos lidos em conjunto com os Técnicos de Extensão e de Apoio Comunitário do projecto);
- 2º As Associações organizam-se e preenchem o formulário de candidatura;
- 3º As Associações submetem o questionário de forma anónima para apreciação e classificação do júri.

O formulário foi apresentado na forma de uma prova de capacidade de organização do trabalho colectivo e de maneo de gado bovino. As candidaturas foram submetidas em dois envelopes: um contendo a prova preenchida o outro a identificação do grupo. Os dois envelopes receberam o número de identificação da candidatura. As provas foram desta forma remetidas para a fase de correcção. Após a classificação atribuída os envelopes de identificação foram abertos para apuramento das candidaturas seleccionadas.

O júri foi escolhido de entre o grupo de formadores. Convidámos os que considerámos próximos ao grupo e ao sentido do projecto e de capacidade técnica numa das áreas avaliadas (organização do trabalho ou maneo do gado). Os avaliadores convidados foram:

- *Issufo Tankar*, Engº Agrónomo especializado em Desenvolvimento Rural, formador nas 3 formações em Associativismo e mediador dos 3 fóruns realizados durante o projecto
- *Elísio Mate*, Veterinário da Direcção Provincial de Agricultura de Maputo, formador nas 2 formações de Maneo de Gado Bovino (1 aos Serviços de Extensão, a outra ao grupo das Associações)
- *Jorge Tembe*, Consultor Financeiro da TechnoServe especializado em Desenvolvimento Rural, formador na formação em Gestão de Pequenos Negócios

¹⁹ Termo usado como sinónimo de frequentar ou assistir quando aplicado a formações – não só com a VIDA, em qualquer situação que as proporcione. Sendo a mesma língua, na escolha dos termos vemos onde está o pensamento e a cultura do lugar.

O ranking final das classificações foi:

Tabela 10– Ranking final das Associações no concurso para as 4 Juntas de Bois

Nº CAND.	MATE	TANKAR	TEMBE	TOTAL	RANKING	ASSOCIAÇÕES
1	144,5	115,0	146,0	135,2	7º	Fábrica de Cal
2	161,5	131,0	163,0	151,8	4º	SALAMANGA
3	140,0	118,0	141,5	133,2	8º	Tinonganine
5	163,5	126,0	165,5	151,7	5º	Ponta de Ouro
6	153,5	128,0	154,5	145,3	6º	Zitundo
7	164,0	134,0	164,5	154,2	3º	MACHIA
8	160,5	146,0	161,5	156,0	2º	MANHEANE
9	179,0	151,0	179,0	169,7	1º	TELMINA PEREIRA
10	119,0	107,0	124,5	116,8	9º	Caiado

Estado das Entregas

Planeámos a entrega em dois momentos: o da recolha das Juntas no curral do Centro em Djabula pelas Associações; e o da entrega dos equipamentos nas machambas das Associações. Considera-se a entrega oficializada à data da entrega dos equipamentos. Essa será também a data de uma pequena formação de meio-dia facilitada pelo veterinário que tem feito acompanhamento do processo de selecção das candidaturas, Elísio Mate, com as recomendações mais importantes relativas ao manejo do gado e da condução das alfaías atreladas.

No momento temos o seguinte estado das entregas:

Manhangane – levantou a Junta

Manheane – levantou a Junta

Machia – preparam o transporte dos animais

Salamanga – preparam o transporte dos animais

Dois motivos concorreram para o atraso que temos no momento:

- a necessidade de fazer duas entregas de equipamentos por dia²⁰, para racionalizar as deslocações do Veterinário;

- os atrasos de Manheane e de Salamanga na recolha dos animais (Manhangane foi a primeira Associação a recolher e Machia tem feito compasso de espera pela reorganização de Salamanga²¹, após o recente falecimento do seu líder).

Todas as dificuldades têm sido ultrapassadas em conjunto com as Associações e o grupo das quatro Associações informado por igual.

Prevemos ter as Juntas oficialmente entregues às Associações até à segunda quinzena de Julho.

²⁰ Manhangane e Manheane, Machia e Salamanga.

²¹ O transporte dos animais de Machia e Salamanga será feito em conjunto por serem localidades muito próximas (distam 6 km uma da outra).

EQUIPAMENTO DE REGA

A existência de moto-bombas em algumas Associações obrigou a repensar a entrega generalizada de tubagens gota-a-gota. Definimos então dois planos: o das Associações com moto-bomba e o das Associações sem moto-bomba, onde se aplicaria a solução gota-a-gota. No caso das Associações com moto-bomba os critérios usados para a tomada de decisão foram:

- renovação dos equipamentos de distribuição;
- baixa tecnologia (simples e resistente);
- adaptável a folhas de cultura muito variáveis de campanha para campanha.

Optámos então nestes casos pela entrega de mangueiras de distribuição de alto calibre (da mesma medida que o bocal de saída da moto-bomba) tão compridas quanto o orçamento permitisse.

Nos casos em que fizemos a entrega gota-a-gota adquirimos equipamentos para áreas de 200 m², 250 m² e de 500 m², consoante os planos de exploração de cada Associação.

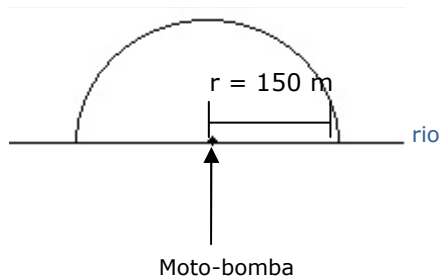
A lista completa do equipamento adquirido e estado das entregas:

Tabela 11 – Equipamentos de rega adquiridos por Associação

ASSOCIAÇÕES	EQUIPAMENTO	ENTREGAS
Fábrica de Cal	150 m tubagem flexível 10 cm diâmetro	✓
Salamanga	kit 250 m ² gota-a-gota	(1)
Tinonganine	150 m tubagem flexível 7,5 cm diâmetro	✓
Ponta de Ouro	500 m ² tubagem gota-a-gota, 2 x tanque 200 l, 8 m tubagem copolene 3,75 cm diâmetro, bomba pedestral	✓
Machia	kit 250 m ² gota-a-gota	(1)
Manheane	200 m ² tubagem gota-a-gota, tanque 200 l	(2)
Telmina Pereira	150 m tubagem flexível 7,5 cm diâmetro	✓
Caiado	150 m tubagem flexível 10 cm diâmetro	✓
Djabula	kit 250 m ² gota-a-gota	(1)

Legenda: Entregas: estado das entregas ✓ - entregue, (1) ainda não recebido do fornecedor, (2) por instalar na Associação.

Estimando que cada 150 m de tubagem fornecida, corresponde a um raio de igual comprimento na circunferência que define a área potencialmente irrigada e que as moto-bombas estão colocadas junto ao rio, determinámos uma área recuperada para regadio com base no cálculo simplificado da semi-circunferência irrigada:



- Por Associação:

$$A = \frac{\pi}{2} r^2 \rightarrow A = \frac{\pi}{2} 150^2 \rightarrow A = 1,57 \times 22500 \rightarrow A = 35343 \text{ m}^2 \rightarrow A = 3,5 \text{ ha}$$

* Nos caso em que as tubagens existentes possam intermediar a ligação à moto-bomba, a área poderá progredir até à circunferência completa, portanto $A_{\max}: 3,5 \times 2 = 7 \text{ ha}$

Total:

Do mínimo: 4 Associações x 3,5 + Área gota-a-gota = 14 + 0,145 =14,145 ha

Até um máximo de: 4 Associações x 7 + Área gota-a-gota = 28 + 0,145 ha=28,145 ha



Imagens 26,27,28, 29 e 30 – (Da esquerda para a direita e de cima para baixo) Entregas do dia 25 de Abril: Chegada dos equipamentos ao terreno pelo fornecedor Soluções Rurais que destacou o Eng^o Carlos Moreira para as instalações e aconselhamento às Associações; Substituição da mangueira velha (com fugas) pela nova – Fábrica de Cal; Ligação no bocal de saída da moto-bomba – Fábrica de Cal; Transporte das bobinas para o ponto da última ligação (aos 100 m²²) sob o olhar atento de quatro senhoras da Associação – Caiado; Teste da saída da água nos 150m – Caiado.

²² As tubagens são distribuídas em bobines de 50 m. Os 150 m distribuídos corresponderam a 3 bobines mais os acessórios de ligação entre os segmentos de tubagem e à moto-bomba.



Imagens 31, 32, 33, 34, 35 36 e 37 – (Da esquerda para a direita e de cima para baixo) Entregas do dia 7 de Maio: Demonstração da colocação dos segmentos de copolene e abraçadeiras nas ligações – Tinonganine; Momento de analisar opções: a avaria da moto-bomba da medida da tubagem adquirida para Tinonganine, obriga a utilizar tubagem intermediária redutora de 10 para 7,5 cm entre o primeiro segmento de 50 m de mangueira e a moto-bomba, para que se possa usar a moto-bomba que está no momento operacional e o equipamento oferecido - Tinonganine; Ida até ao ponto de tomada de água (posição da moto-bomba) e ponderação de opções para superar a distância de cerca de 600 m até à machamba - Manhangane; Recorremos à tubagem em copolene em uso na Associação e na fotografia estamos em deslocação até ao ponto de ligação do primeiro segmento - Manhangane; Primeira ligação - Manhangane; Transporte de uma bobine até ao ponto de ligação - Manhangane; Trabalho de equipa na ligação de dois segmentos - Manhangane.



Imagens 38, 39, 40 e 41 – (Da esquerda para a direita) Entrega da bomba pedestral na Associação da Ponta de Ouro (27 de Março): Descarregando a bomba; Esquematizando o campo para posicionamento da bomba com o técnico de irrigação do fornecedor iDE, Eng^o Lionel Zsinsengwe; Montagem da bomba; Teste.

ENTREGA DE SEMENTES

A ideia de concretizar apoio às Associações através da distribuição de sementes foi facilitada pelo estabelecimento de uma parceria técnica com a LUSOSEM, que em Portugal é líder de mercado em sementes de cereais. A parceria deu-nos a conhecer sementes de alto rendimento²³ (em comparação com as marcas mais comuns no mercado moçambicano) e a ambição de as fazer chegar a Matutuíne. Por outro lado, houve também interesse por parte da empresa em alargar a sua rede de produtores de contacto ao grupo de produtores de contacto que lhes apresentámos, para a realização de ensaios de variedades. No momento havia o interesse de testar as novas variedades híbridas de milho que iriam passar a distribuir, da empresa Zimbabweana produtora de semente Seed-Co.

Adquirimos para distribuição sementes de quatro culturas hortícolas (cebola, tomate, couve tronchuda portuguesa e pimento) e de duas variedades híbridas de milho.

A distribuição decorreu em dois momentos:

- paralelamente às actividades
- com os ensaios de milho híbrido

Entregas paralelas às Actividades

A primeira entrega foi feita na conclusão da visita de 05/12/2012 a um dos campos de ensaio da LUSOSEM, na unidade de produção de um produtor de Boane. Na conclusão da visita demos a escolher a cada participante duas das quatro culturas de hortícolas disponíveis. Entregámos 132 pacotes de 10 g de sementes, às Associações do projecto, às Associações convidadas no intercâmbio das Mulheres Rurais da Catembe, da Machamba Comunitária de Djabula e da União de Boane (anfitriã da concentração de todos os participantes à chegada e do almoço). As variedades escolhidas foram registadas.

²³ Com alto potencial germinativo e vigor das variedades, determinado durante a primeira fase da empresa na chegada a Moçambique, com ensaios em campos de camponeses de média dimensão (pequena dimensão sendo a das Associações no projecto).

A sua distribuição foi a seguinte:

Tabela 12 – Distribuição de sementes a 05/12/2012

Nº Embalagens/Variiedades				Combinações Seleccionadas					
Pi-mento	To-mate	Cebola	Couve	pimnt-tomt	pimnt-ceb	pimnt-couv	tomt-ceb	tomt-couv	ceb-couv
42	15	53	22	5	30	7	9	1	14



Imagens 42 e 43 – A entrega decorreu no encerramento da visita. No momento de assinar a folha de presenças, davam-se a escolher os pacotes para selecção. À esquerda assina a D. Matilde Tembe de Tinonganine; à direita a D. Maria Mahlo do Caiado é uma das 14 pessoas que escolhe a combinação cebola-couve.

Como a entrega do dia da visita realizou distribuição apenas de sementes hortícolas e contemplando apenas os que estiveram presentes, optámos por generalizar a entrega às Associações a par das entregas de equipamentos a decorrer. Com o avançar das datas úteis da segunda época, distribuámos as sementes de hortícolas fora desse calendário²⁴ (das entregas de equipamentos); distribuámos 6 pacotes de cada uma das quatro culturas adquiridas. As que receberam milho para cultivo irrigado receberam 1 pacote de cada variedade, totalizando 7 kg de semente.



Imagens 44 e 45 – Entregas a Tinonganine (à esquerda) e a Manhanganine (à direita).

²⁴ As de milho entregámos apenas às Associações com regadios operacionais. As que fazem cultivo sequeiro guardámos para entrega no início da campanha 2013-2014.

Ensaio

Para a escolha dos campos em que seriam localizados os ensaios levámos em conta (1) a capacidade de acompanhamento da LUSOSEM²⁵ - que seria de 2 ensaios em Matutuine - e (2) a necessidade de acompanhamento permanente nos campos seleccionados. A necessidade de acompanhamento permanente levou à decisão de estabelecer os ensaios em campos de produção individual dos membros das Associações (ao invés de os estabelecer nos campos das Associações).

Com essas coordenadas e no sentido de encontrar os campos a receber os ensaios, optámos por posicionar em ranking os participantes das actividades ao longo dos dois anos do projecto e verificar se haveria consistência do critério 'participação' com o critério 'capacidade de produção' dos 2 melhores participantes. Estabelecendo esta correspondência faríamos não só a selecção de bons produtores mas também a valorização da sua dedicação às actividades formativas durante o projecto (e portanto a valorização do projecto).

Sem que fosse forçoso (apesar de ser provável), o ranking discriminou a favor das nossas intenções. Com pelo menos cinco participações em 12 acções (entre formações, fóruns e visitas) encontrámos a seguinte lista:

Tabela 13 – Ranking das participações nas actividades do projecto 2011-2012

NOME	ASSOCIAÇÃO	Nº PRESENCAS	RANKING
<i>André Mucavele</i>	CAIADO	9	1º
<i>João Marcos Cossa</i>	FABRICA DE CAL	9	1º
Sara Mutima	MANHEANE	8	2º
Isabel Fernando Chembene	MACHIA	7	3º
Ana Jonas Cumbula	FÁBRICA DE CAL	6	4º
António Joel Mabica	ZITUNDO	6	4º
Monteiro Bachir	ZITUNDO	6	4º
Amélia Tembe	CAIADO	5	5º
Jaime Nguenha	DJABULA	5	5º
Elisa Tembe	MACHIA	5	5º
Pascoal Caetano Maciel	PONTA DE OURO	5	5º
Matilde Tembe	TINONGANINE	5	5º

Como houve sobreposição de rankings (das participações e da capacidade de produção agrícola individual)²⁶ os ensaios ficaram marcados para as machambas do Sr. André Mucavele e do Sr. João Cossa.

Os ensaios já foram instalados e progridem a bom ritmo.

²⁵ Feito quinzenalmente pela Eng^a Ana Sofia Rodrigues.

²⁶ Mesmo ao nível do Distrito, os senhores Cossa e Mucavele são produtores de referência.



Imagens 46, 47, 48 e 49 – (Da esquerda para a direita) Marcações no campo do Sr. João Cossa e sementeira no campo do Sr. André.

Atividade 3.4. Acompanhamento das actividades produtivas e de comercialização

As rondas de acompanhamento permitiram conhecer, monitorar mas principalmente aprofundar, nivelando, o contacto às Associações: seja a percepção das Associações pelo projecto, seja a percepção do projecto pelas Associações. Em ambos os sentidos esta percepção é por defeito intermitente, seja porque as actividades são intervaladas no tempo seja porque é o estrito grupo dos representantes que as recebe em primeira mão, sendo a transmissão entre-pares praticamente inexistente ou nula. As acções de acompanhamento são por isso de extraordinária importância nesta metodologia de intervenção baseada em 'grupos de representantes', permitindo intervir a este nível, minimizando as descontinuidades.

Realizaram-se 3 rondas de acompanhamento às actividades das Associações: duas às actividades produtivas e uma (em duas fases) de apoio à sua actividade associativa.

Rondas	Objectivos	VIDA/ proj.	Associações	Datas	Com Reunião: (presentes)		Sem reu- nião	Km
					Nº total	M		
PRIMEIRA RONDA	. medição das áreas das culturas em produção . observação da organiza- ção do trabalho	CRD	Tinonganine	03/02/12			√	160
			Caiado Salamanga					
		CRD	Ponta de Ouro Zitundo	04/02/12				
		CRD	Manheane Manhangane	08/02/12				
		CRD	Machia Macassane	22/02/12				
CRD	Fábrica de Cal	27/03/12						
SEGUNDA RONDA	. medição das áreas das culturas em produção . promover reflexão a res- peito dos principais aspec- tos do funcionamento das Associações . divulgação e inscrição dos participantes no curso que se seguia com a TechnoSer-	TE+TAC	Machia	29/05/12	4	4		105
			Macassane		5	4		
		TE+TAC	Caiado	30/05/12	1	0		
			Ponta de Ouro Zitundo		3	1		
			Fábrica de Cal**		15	5		
		TE+TAC	Tinonganine	11/06/12	1	0		
Chemulane Salamanga	9		8					
			1	0	180			

	ve	TE+TAC	Manheane** Manhangane	12/06/12	1 17	1 13	140
TERCEIRA RONDA - Fase 1	. informação e esclarecimento do processo de candidatura às Juntas . eleição da pessoa de contacto com indicação de regras fundamentais em Assembleias Gerais . marcação do encontro da 2ª Fase da Ronda para revisão da composição dos Órgãos Sociais	TE+TAC	Salamanga Fábrica de Cal	30/10/12	6 5	2 4	80
		TE+TAC	Tinonganine Caiado	31/10/12	8 6	5 4	40
		TE+TAC	Chemulane Machia	01/11/12	2 5	1 4	85
		TE+TAC	Manhangane Manheane	06/11/12	17 21	13 17	140
		TE+TAC	Ponta de Ouro Zitundo	10/11/12	6 7	0 4	260
		TE+TAC	Djabula	12/11/12	14	12	15
		TE+TAC	Machia	13/11/12	12	6	160
TERCEIRA RONDA - Fase 2	. revisão dos aspectos gerais da regulamentação das Associações . eleição de novos membros para os Órgãos Sociais	TE+TAC	Fábrica de Cal	15/11/12	10	8	80
		TE+TAC	Tinonganine	16/11/12	15	9	85
		TE+TAC	Zitundo	21/11/12	29	13	230
		TE+TAC	Ponta de Ouro	23/11/12	25	12	260
		TE+TAC	Manhangane	27/11/12	17	11	160

Tabela – Rondas de acompanhamento às Associações.

Legenda – *CRD-Coordenadora, TAC-Técnico Apoio Comunitário, TE-Técnico Extensão; ** Encontros adiados por falta de comparências, dos quais entretanto falharam registos de produção.

RESULTADO 4. EXISTE UMA REDE DE PARTILHA DE INFORMAÇÃO ENTRE AS ASSOCIAÇÕES DO DISTRITO DE MATUÍNE E AS ASSOCIAÇÕES CONGÉNERES NOS DISTRITOS VIZINHOS, COMO BOANE, E OS SERVIÇOS DISTRITAIS QUE APOIAM AS ACTIVIDADES AGRÍCOLAS E ECONÓMICAS

Actividade 4.1. Realização de Acordos e Parcerias com instituições públicas ou privadas que apoiem o incentivo e o aumento da produtividade e promoção da comercialização

No decurso do segundo ano do projecto estabelecemos contactos positivos com duas instituições públicas e uma privada, que acabaram sendo pontos de apoio importantes na realização de actividades do projecto e de expansão do seu alcance, pela abertura de novas possibilidades. Foram parcerias com:

- o **SETSAN**, Secretariado Técnico de Segurança Alimentar e Nutricional
- a **LUSOSEM**, empresa portuguesa de sementes recém-chegada ao mercado Moçambicano
- o **Instituto Agro-Industrial da Salamanga**, instituto público de ensino que oferece cursos técnico-profissionais com equivalência ao 12º ano de escolaridade.

Por outro lado, a nível *macro*, reconhecemo-nos como parte integrante de um movimento global pela criação de sinergias, no nível da nossa intervenção. Não sendo um movimento que se iniciou pelo projecto, vem contudo valorizar o projecto pela frescura da sua actualidade (ou mesmo vanguarda tendo em conta que começámos a trabalhar nesse sentido antes da chamada da conjuntura nos ter convocado) e potenciar o seu alcance com novas oportunidades. Concretizamos este ponto abaixo sob a designação de ‘Conjuntura’.

SETSAN

Conforme é explicado na introdução do «Curso em Técnicas de Levantamento do Estado de Segurança Alimentar e Nutricional na Comunidade» (p.12), através do contacto feito, Matutuíne recebeu uma visita de reconhecimento pelo responsável provincial deste organismo, que pôde nessa deslocação confirmar a necessidade de inclusão do Distrito no Levantamento Nacional a realizar dali por dois meses. Criou-se capacidade de inquérito junto das Associações, para que a comunidade pudesse reportar por si própria. Apesar de no último momento, por questões de metodologia da consulta, não se ter convocado a recolha a um nível tão próximo ao agregado familiar, ficou criada essa capacidade assim como a inclusão de Matutuíne no grupo dos Distritos assinalados ao nível do Ministério da Agricultura como potencialmente vulneráveis.

Outra consequência da parceria foi a inclusão da VIDA no GAV - Grupo de Análise de Vulnerabilidade onde as informações e agenda das consultas são periodicamente transmitidas e coordenadas em mesa redonda.

LUSOSEM

O contacto feito a esta empresa foi muito bem recebido, que considerou interessante colocar as suas sementes em Matutuíne, onde o mercado tem uma grande procura insatisfeita em insumos agrícolas; mas também a importância de fazer chegar sentido crítico a respeito da qualidade desses insumos, nomeadamente das sementes e de encontrar a via possível para o fazer. Essa via foi a instalação de ensaios. Pela parte da empresa havia a necessidade de testar as novas variedades de milho a distribuir. Para os produtores seleccionados, criava-se a oportunidade de realizarem um ciclo de cultura com acompanhamento técnico constante, com deslocações quinzenais da responsável pelo ensaio, para observação dos campos e aconselhamento, o que significa uma oportunidade intensiva e única de aprendizagem; com o benefício final do produtor poder guardar a totalidade da colheita.

Instituto Agro-Industrial da Salamanga

Reabilitado e com início de actividade lectiva no final de 2011, as possibilidades de actividades conjuntas pareceram muitas e promissoras mas, ficaram por explorar até que no início de 2013 a necessidade de encontrar um local central e com significado ao nível da Administração do Distrito para a realização do Fórum nos levou à Salamanga para um encontro.

A nossa solicitação foi muito bem recebida. Segundo o Director Oscar Muianga, o próprio Instituto teve na sua criação a vocação de servir a comunidade em que está inserido, que é Salamanga e Matutuíne; que para essa mesma finalidade foi construído de raiz um pequeno pavilhão com duas salas no perímetro do Instituto (para «Centro de apoio ao desenvolvimento da comunidade»), cujo início de actividades estava adiado para uma fase em que a maior estabilidade do Instituto permitisse deslocar docentes para a sua dinamização; e que a nossa solicitação vinha em boa hora, permitindo realizar essa missão de serviço. Também foi bem recebida a contrapartida que oferecemos, de receber alunos no Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula para a realização de estágios curriculares.

Durante os três dias do Fórum (acolhimento e actividades) o Instituto acolheu um grupo de trabalho de 60 pessoas: 60 pessoas na sala de formação, 35 alojadas nas camaratas e 70 servidas no refeitório. Em sinal de gratidão o projecto encaminhou para o Instituto um pacote de reforço dos recursos técni-

cos do Instituto constituído por: 50 embalagens de sementes hortícolas da LUSOSEM, 5 chapas de alvéolos para viveiros e uma colecção de exemplares do IIAM.

Conjuntura

A conjuntura de sinergias pelo Desenvolvimento das intervenções de Desenvolvimento chegou-nos primeiro pelas recomendações do co-financiador do segundo ano do projecto, o CEPF – Critical Ecosystems Partnership Fund; e no fim de 2012 pela Administração do Distrito de Matutuíne. Curiosamente, em nenhuma das chamadas se ouviu menção ao Objectivo de Desenvolvimento do Milénio número 8.

No financiamento às intervenções no considerado ‘Hotspot’ de biodiversidade, Distrito de Matutuíne, que beneficiou as principais ONGs no local, o CEPF pedia como contrapartida (além dos relatórios narrativo e financeiro) que os planos de actividades fossem realizados em articulação. O Fundo pedia aos intervenientes que se informassem e reflectissem sobre questões como: que outras intervenções estão a ter lugar na comunidade em que estou a trabalhar? Em que sentido estão a trabalhar? De que forma nos poderemos coordenar em caso de sobreposição dos nossos temas, geografias e calendários? Em consequência tivemos dois encontros durante 2012, que em termos de coordenação teve como principal resultado proporcionar um espaço de encontro e de conhecimento mútuo para os membros do grupo.

Paralelamente e independentemente da iniciativa do Fundo de Parcerias em Ecosistemas Críticos, a Administração do Distrito passou a convocar reuniões periódicas de informação e concertação de intervenções estatais e não estatais. A primeira reunião foi realizada em Novembro de 2012, a segunda em Fevereiro de 2013 e as seguintes agendadas para uma periodicidade semestral.

O pedido, na forma que está a ser feito no momento tem tanto de promissor quanto de imaturo, porque da forma que os projectos se implementam resta pouca margem de manobra na execução do projecto e esperar que se produzam o tipo de alterações pedidas é irrealista. Mas como diz a máxima «se queres subir à montanha aponta às estrelas» ficámos numa precedência muito interessante e vimos criadas as condições para intervenções futuras melhor articuladas entre os diferentes actores no terreno e de dar cada vez maior representação e voz ao ‘terreno’ – portanto de produzir intervenções cada vez melhor integradas na realidade.

Além do benefício elementar já referido, de deixarmos de ser estranhos nas estradas vazias onde nos cruzamos, ou da facilidade de termos informações das actividades uns dos outros, podemos dar dois exemplos de benefícios concretos deste estímulo das parcerias para o desenvolvimento:

- adicionámos sementes da LUSOSEM às sementes entregues pela LUPA no ensaio de hortícolas que estão a promover na Fábrica de Cal;
- integrámos um grupo de consulta para o desenvolvimento de um programa geral de formações às Associações do Distrito promovido pela FDC²⁷, a partir de onde as formações dos diferentes intervenientes possam vir a entroncar, dando-lhes o enquadramento e o foco.

²⁷ Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade.

Actividade 4.2. Visitas de intercâmbio entre as várias Associações congéneres nos distritos vizinhos

Durante o segundo ano do projecto realizámos uma visita a um dos campos de produtores locais onde a LUSOSEM realiza ensaios de variedades; tivemos dois momentos de intercâmbio entre congéneres – no próprio dia da visita mencionada e no Fórum de encerramento; e estabelecemos contactos com 3 Associações congéneres. Do Distrito de Matutuíne estivemos juntos com a Associação dos Amigos de Matutuíne e com o Grupo da Machamba Comunitária de Djabula nos dias do Fórum em Salamanga. Dos Distritos vizinhos conhecemos o Grupo das Mulheres Rurais da Catembe, que convidámos a estar connosco na visita de Boane e no Fórum de encerramento do projecto. No dia da visita estivemos também com a União de Camponeses de Boane (que já eram contudo conhecidos do ano anterior, tendo sido realizado o Fórum de encerramento do primeiro ano do projecto na sua sede).

VISITA À EXPLORAÇÃO DE NARCISO PEDRO, BOANE | 05 DE DEZEMBRO DE 2012

Apesar de recentemente reconhecido pelo Governo da Província de Maputo como o melhor produtor do Distrito de Boane e 2º melhor da Província, Narciso Pedro nunca tinha visto nada assim: uma multidão de 51 pessoas avança ordeiramente pelos seus campos, acompanhadas por duas engenheiras portuguesas numa comitiva de 3 minibus e uma four-by-four (da LUSOSEM), até à concentração para as boas vindas debaixo da majestosa *Ficus elastica* na sede da exploração.



Imagens 50 e 51 – Chegada e recepção dos visitantes à exploração do Sr. Narciso Pedro em Boane. Na fotografia da direita o Sr. Narciso aponta para os seus campos.

Na sua exploração de 10 ha, são cultivados apenas hortícolas, com 3 a 4 campanhas por ano, entrando até aos meses de Novembro e Dezembro normalmente interditos já para estas culturas. No momento da visita estavam plantadas 4 variedades de beringela, duas de pimento e duas de beterraba. A inovação determinante para o cultivo na estação chuvosa foi a introdução de sementes adaptadas ao tempo mais quente e de ciclos mais curtos, que permitam cumprir a colheita antes dos meses críticos de Janeiro e Fevereiro, quando se concentram as intempéries.

Mas a grande inovação apresentada e que causou muita admiração foi a da sementeira dos viveiros em chapas de alvéolos.



Imagens 52 e 53– Depois de observarem a sementeira em alvéolos no local o Sr. Narciso explica as vantagens de fazer os viveiros desta forma.

De uma só vez, a sementeira em alvéolos permite racionalizar o emprego dos principais recursos:

- Economia de Semente

Em cada alvéolo entra uma semente, ao contrário da sementeira tradicional de viveiros em que a semente acaba por cair em grumos. Por outro lado o viveiro em alvéolos dá à raiz da planta jovem a protecção de um torrão de substrato que lhe permite uma adaptação melhor ao local definitivo e portanto minimizar as perdas por crise de transplantação.

- Economia de Água

A porosidade do substrato usado para a sementeira nos alvéolos satura e retém a água de forma mais eficiente. Por outro lado a ocupação racional da superfície permite regar de forma dirigida.

- Economia de Tempo

Não na sementeira porque nessa fase o processo é mais moroso que na alternativa tradicional (pela necessidade de depositar semente a semente, sendo as sementes de hortícolas muito pequenas) mas no acompanhamento, porque com todos os restantes recursos racionalizados o tempo consequentemente é melhor usado.

Pudemos em seguida ver o par complementar da inovação ‘sementeira em alvéolos’: as ‘estufas’. No caso da exploração do Sr. Narciso, são duas estufas, equipadas com micro-aspersores para uma rega pulverizada, com capacidade para 10 linhas de alvéolos em cada estufa, portanto para 200 mil plantas por estufa.



Imagens 54 e 55– À esquerda os senhores Paulo Mapanga da Salamanga e André Mucavele do Caiado observam a técnica e a escala da inovação. À direita visão global do interior da estufa, com a tubagem dos micro-aspersores por cima.

No momento final da despedida houve a observação de alguns de que o nível de produção da exploração estava muito além do que alguma vez poderiam sonhar alcançar. Foram observações duras, daquelas a que nos vamos habituando e que não nos deixam esquecer que o mergulho para o outro é infinito: quanto mais nos aproximamos, melhor vemos tudo o que nos separa e tudo o que seria preciso dar mais, porque há tanto que se descobre que seria necessário. Felizmente houve quem com erudição e propriedade pôs ordem nos olhares e nas lições realmente importantes a reter. Foram de grande impacto as do Sr. Moisés e as do próprio Sr. Narciso.

O Sr. Moisés da União de Camponeses Boane lembrou a todos a noção de que investir é diferente de gastar dinheiro. Investir é fazer contas: recuperar o investimento é uma coisa e pagar o trabalho é outra à frente, onde o lucro já se faz sentir. E é aí onde devem ser contados os 120 meticais que custa cada chapa de alvéolos, porque o retorno de cada 10 g de semente será muito superior. Disse também que olhar para as estufas e dizer que é muitos milhões também é mentir, porque toda a gente ali sabe cortar estacas, cobrir com capim e já está a sombra que se precisa²⁸. Por seu lado o Sr. Narciso, aguardou pacientemente todas as observações e no momento da despedida pediu também para transmitir a sua. Foi um discurso emocionado e de grande impacto, em que entre o mais importante percebemos também, que no espaço da nossa visita o nosso anfitrião também nos tinha visitado a nós (visitado a sua história):

«Vocês olham aqui e vêem milhões mas em 1988 podiam ver-me cavar de enxada como outra pessoa qualquer. Muitos têm história que você vai perseguir de onde saiu e diz que esse aí nunca há-de chegar – lá, onde ele chegou. Ficar em casa a lamentar o que não tem todos podiam ter feito mas foi porque não fizeram que descobriram que há muitas portas que podemos bater e que vão-se abrir. Vocês vêm de Associações. Isso tudo discute-se na Associação “somos 20 como vamos conseguir comprar um tabuleiro para cada um?”. Associação significa coisas, não é só para ficar a dizer palavra de “sou de Associação de xis”.»

Actividade 4.3. Fórum anual das Associações de avaliação das actividades e monitoria dos resultados.

O Fórum foi realizado concomitantemente ao último curso de formação do projecto, em Associativismo e é reportado no ponto da Actividade 3.1, p.13.

Actividade 4.4. Criação de um Banco de Contactos e um Sistema de Alerta através da DDA para apoio técnico em tempo real.

Na busca pela realização desta actividade, os passos tiveram que começar de etapas prévias. A linha de intervenção seguida pensou: na criação de capacidade de comunicação ao nível da Direcção Distrital; e na circulação de informação entre as Associações paralelamente às Actividades Formativas.

²⁸ Podemos pensar em concretizações das vantagens da troca de experiências, particularmente entre associações congéneres de meios diferentes. Nas declarações citadas do Sr. Moisés nos comentários à visita ficou a prova cabal da sua importância. As mesmas palavras ditas por outra pessoa seriam apenas desculpas para fazer valer um ponto de vista mas assim foram ouvidas.

Pela criação de capacidade de comunicação ao nível da Direção Distrital, utilizámos os quatro cursos disponíveis na Actividade 3.2 para o reforço das capacidades ao nível informático e de utilização da Internet e a oferta de um modem extra para alívio da sobrecarga do modem existente nos serviços e privilégios de uso por parte da equipa de extensionistas.

Pela circulação de informação técnica e das actividades entre as Associações, publicámos dois números do Boletim das Associações e distribuímos por todos os membros a folha de contactos dos que se disponibilizaram à divulgação²⁹.

Página 2 Boletim das Associações Nº 2 - Ago 2012

Viveiro de Mudaz

O processo de qualquer reforma agrícola é um factor determinante para o sucesso da actividade. No caso da criação de viveiros de mudas, a escolha do local, a preparação do terreno e a qualidade das mudas são factores essenciais para o sucesso da actividade.

Um viveiro de mudas deve ser preparado com cuidado, tendo em conta a qualidade do solo, a exposição solar e a facilidade de acesso. A escolha do local deve ser feita com base em critérios técnicos e económicos.

Os viveiros de mudas são essenciais para a produção de mudas de qualidade, que são fundamentais para o sucesso da actividade agrícola. A criação de viveiros de mudas é uma actividade que exige conhecimentos técnicos e experienciais.

Um viveiro de mudas deve ser preparado com cuidado, tendo em conta a qualidade do solo, a exposição solar e a facilidade de acesso. A escolha do local deve ser feita com base em critérios técnicos e económicos.

Os viveiros de mudas são essenciais para a produção de mudas de qualidade, que são fundamentais para o sucesso da actividade agrícola. A criação de viveiros de mudas é uma actividade que exige conhecimentos técnicos e experienciais.

Nº 2 - Ago 2012 Boletim das Associações Página 3

Entrevista a João Cossa, Associação de Carponeiros de Fabrica de Cal - ASSOCAL, Salamanga

João Cossa, presidente da Associação de Carponeiros de Fabrica de Cal (ASSOCAL), falou sobre a importância da actividade e os desafios que enfrenta.

«A actividade de carponeiro é muito importante para a comunidade local, pois gera emprego e contribui para o desenvolvimento económico. No entanto, enfrenta muitos desafios, como a falta de recursos e a concorrência de outros materiais.»

João Cossa destacou a importância da formação e do conhecimento técnico para o sucesso da actividade. «É fundamental que os carponeiros tenham acesso a formação contínua e a troca de experiências com outros profissionais da área.»

Ele também falou sobre os planos futuros da associação, que incluem a criação de um centro de formação e a realização de actividades de promoção e divulgação da actividade.

«O nosso plano de actividade é muito ambicioso, pois queremos criar um centro de formação que ofereça cursos de formação para os carponeiros locais. Além disso, vamos realizar actividades de promoção e divulgação da actividade em toda a região.»

João Cossa encorajou os outros carponeiros a se associarem e a trabalhar juntos para superar os desafios e promover o desenvolvimento da actividade.

Imagens – Páginas centrais (2 de 4) do segundo boletim publicado.

Podemos dizer contudo, que esta foi de todas as actividades a mais desafiante porque assenta no bem mais escasso, quer ao nível das Associações quer dos Serviços Distritais de apoio às Associações: a escolaridade. O analfabetismo nas suas vertentes efectiva e funcional (lê o texto mas não consegue interpretar) é possivelmente a principal causa directa do imobilismo e atraso que encontrámos, porque mina a cultura do «saber», ficando a curiosidade e novas descobertas (i.é, *inovação*) à mercê dos privilegiados que puderam passar tempo de qualidade na escola ou que, sendo analfabetos, nasceram com o privilégio de um espírito naturalmente iluminado.

A redacção de um Boletim é de toda a importância para o Distrito mas deveria idealmente ser redigido com maior participação dos Serviços de Extensão ou outros (p. ex. da rede escolar) mas idealmente com produção em Matuíne. Por outro lado, os Serviços de Extensão estão suficientemente desenhados de recursos materiais e técnicos para poderem ser considerados para já recursos de desenvolvimento: antes terão que ser alvo de mais desenvolvimento.

²⁹ Os dois boletins e a folha de contactos disponibilizada em anexo.

B – SEGUIMENTO DOS INDICADORES

De forma a fazer a monitoria dos indicadores do avanço do projecto, apresenta-se abaixo o quadro indicativo dos mesmos, após o segundo ano de execução do projecto:

Resultado 3. As associações estão capacitadas nas áreas organizacional, produtiva e comercial

INDICADORES	FONTE DE VERIFICAÇÃO
3.1. Realização de 4 cursos anuais para os membros das Associações	Realizados 4 cursos: um em Produção Agrícola, dois em Desenvolvimento Rural (um em Gestão de Pequenos Negócios e outro em Levantamento de Grupos de Carência Alimentar na Comunidade) e um em Associativismo. Participaram respectivamente 19, 17, 22 e 56 membros em cada um dos cursos realizados.
3.2. Realização de 5 cursos avançados para técnicos da Direcção Distrital de Agricultura	Realizados 2 módulos de 4 cursos avançados em Tecnologias de Informação e Comunicação. Cada módulo com 15 participantes.
3.3. Aquisição de equipamento e materiais para dinamizar actividades produtivas	456 embalagens sementes hortícolas 105 kg sementes de milho híbrido 2 ensaios de 7 variedades de milho híbrido 600 m de tubagem de rega para moto-bomba 1450 m2 de tubagem gota-a-gota 4 juntas de bois equipadas para preparação completa das áreas (charrua e grade de bicos)
3.4. Acompanhamento das actividades produtivas e de comercialização	3 Rondas de Acompanhamento: 2 Actividades Produtivas, 1 Regulamentação

Resultado 4. Existe uma rede de partilha de informação entre as Associações do distrito de Matutuine e as Associações congéneres nos distritos vizinhos e os serviços distritais que apoiam as actividades agrícolas e económicas.

INDICADORES	FONTE DE VERIFICAÇÃO
4.1. Realização de acordos e parcerias com instituições públicas ou privadas que apoiem o incentivo ao aumento da produtividade e promoção da comercialização	Parceria de formação e informação com o SETSAN através do qual: foram formados 22 agentes inquiridos no grupo das Associações; Matutuine foi incluído no Levantamento Nacional de 2012; e sinalizado ao nível dos sistemas de informação do Ministério da Agricultura como potencialmente vulnerável.

	<p>Parceria técnica com a LUSOSEM através da qual: foram instalados 2 ensaios de 7 variedades híbridas de milho nos campos de 2 produtores do grupo das Associações.</p> <p>Parceria de formação com o Instituto Agro-Industrial da Salamanga através do qual: se realizou o Fórum de encerramento do projecto, com 60 participantes durante 2 dias, 35 em regime de alojamento.</p>
4.2. Visitas de intercâmbio entre as várias associações congéneres nos distritos vizinhos	Realizada uma visita de intercâmbio à Exploração de Narciso Pedro. Participaram 51 pessoas entre membros do grupo das Associações e das Associações Congéneres das Mulheres Rurais da Catembe, da Machamba Comunitária de Djabula e da União dos Camponeses de Boane.
4.3. Fórum anual das Associações de avaliação das actividades e monitoria dos resultados	Participaram 56 membros das associações na actividade alargada também à actividade 3.1.
4.4. Criação de um Banco de Contactos e um Sistema de Alerta através da DDA para apoio técnico em tempo real	Publicados e distribuídos dois números do Boletim das Associações. Distribuída a folha de contactos dos membros de referência das Associações.

C – ANÁLISE DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

O projecto assentou na base de 12 anos de experiência em Matutuíne mas a passagem do nível de três comunidades vizinhas para 15 com distribuição de nível Distrital trouxe uma actualização de realidades e desafios considerável.

Pensamos que estamos a começar este trabalho da mesma forma que começámos há 12 anos em Djabula e que começamos nas comunidades com que trabalhamos e onde permanecemos, intra e extra os projectos - que nos permitem nelas intervir. As lições mais importantes que retirámos e que introduzimos no desenvolvimento da metodologia em três pontos:

Triagem

O universo é extenso, considerando a nossa capacidade de alcance e o domínio complexo da nossa intervenção (que liga a geração de rendimentos à mudança de mentalidades, com tudo de sensível e de lenta progressão a que diz respeito). Foram importantes por isso os momentos de reflexão, de diálogo e negociação findos os quais traçámos a linha da continuação de esforço de resgate (que é o espaço da convocação às actividades) da linha da não participação. Consideramos tão importante termos passado de 15 Associações para 17, como das 17 para 10 no final: cada saída contando uma história e mantendo actualmente no grupo Associações com as quais desenvolvemos propostas de

crescimento concretas e mantendo nessas 10 as duas Associações que pediram para se juntarem ao grupo de beneficiárias estando já o projecto em implementação³⁰.

Aprofundamento

Encontrámos Associações descaracterizadas, inoperacionais e tão despovoadas de membros que a primeira pergunta a fazer é: o quê na história administrativa do Distrito determinou a sua criação e 'sobrevivência' como tal ao longo dos anos? Perguntas como «quantos membros tem a Associação?» ou «existe certificado de terras?» tornam-se casos tão polémicos que só podem ser respondidos inequivocamente após pesquisa de natureza quase etnográfica. É por isso importante ir além da Associação, à sua comunidade e além dos Serviços de Agricultura aos outros – à rede escolar, aos serviços de saúde na comunidade. Só assim se pode fazer face às listas de membros tão móveis quanto as oportunidades e a necessidade das aproveitar, que num momento podem chamar para o trabalho nesta como naquela Associação, como noutra sítio qualquer.

Memória

Intervir apenas através de uma turma em formação para cada tema, implicando a chamada de representantes dilui o impacto até um ponto crítico em que podemos legitimamente pensar: será que vêm apenas os interessados ou o sistema que temos criado instalou um regime de privilégio de oportunidades em que quem recebe a formação mais facilmente acede às outras formações e oportunidades de participação? A forma de contornar foi sempre que possível alargar as turmas para o dobro ou triplo (formações para 60 participantes como no primeiro ano com o IIAM, na última com a RADER ou na visita de Boane de 2012) e usar as rondas para promover a disseminação da informação tanto quanto possível. No futuro pretendemos também, paralelamente às acções de formação, criar grupos de trabalho, que permitem uma acção continuada e de maior aprofundamento dos temas. Que seja mais difícil o esquecimento em cada um e no Distrito. Como disse o Sr. José Tembe de Tinonganine no encerramento da formação com o IIAM mencionada, no primeiro ano:

«A VIDA fez muito bem de abrir a mais de nós virem. Assim se um se esquece do que ouviu outro há-de-lhe lembrar.» (p. 23, Relatório Narrativo Ano 1)

D – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A dimensão dos resultados alcançados com este projeto está longe de ser quantificada de forma eficaz no presente relatório, face a proximidade temporal do impacto gerado nas Associações e pessoas envolvidas no projecto.

A VIDA realizou, como previsto, todas as atividades do projeto, embora com atrasos significativos nas actividades que tiveram de recorrer a serviços externos como aquisição e compra de materiais personalizados, caso do equipamento de rega, bem como aquisição de junta de bois, uma vez que o transporte de animais requer compromissos logísticos e burocráticos que envolvem organização de transporte apropriado e guias de autorização de transporte de animais dos serviços de veterinária. Só

³⁰ Com as quais o número aumentou de 15 para 17: Ponta de Ouro e Manheane, as duas Associações legalizadas pelo projecto.

agora estão a ser efetuadas as últimas entregas (Julho 2013) já depois de ultrapassado o prazo final do projeto (Fevereiro 2013).

O desafio deste projeto passou pelo empenho extremo de conhecer, em profundidade, cada uma das iniciais 15 associações beneficiárias e em conjunto delinear as actividades que responderiam às necessidades e problemas identificados. Um empenho extremo traduzido em vários factores:

- i. Chegar às Associações geograficamente dispersas por uma área de mais de 5000 km² (muitas delas votadas ao isolamento) – só nas rondas de acompanhamento do 2º ano do projeto foram realizados mais de 3000 km dentro do distrito.
- ii. Equipa do projeto reduzida, com apenas 3 pessoas mobilizadas no objetivo da criação de laços, conhecimento e relação com as Associações.
- iii. Viatura automóvel utilizada no fim de vida, com inúmeros problemas mecânicos e sem apoio orçamental para a sua manutenção.
- iv. Associações pouco organizadas e pouco acessíveis, sem sede própria, sendo por isso necessário encontrar os associados em locais diversificados como as suas casas, as machambas, ou outros pontos de encontro.
- v. Zonas sem acesso a vias de comunicação e a telecomunicações.
- vi. Organização de ações de formação, de intercâmbio e reuniões, através de um circuito de transporte criado pelo projeto (porque de outra forma não seria possível chegar à maioria das comunidades) de forma a minimizar custos e rentabilizar o tempo.

Foram muitos os constrangimentos e as dificuldades mas, conseguimos! Com empenho e dedicação da equipa do projeto foi possível juntar pessoas, associações, lançar ideias, promover atividades, partilhar conhecimentos. E afinal, sem grande esforço, foi demonstrado interesse e gerada motivação entre todos.

O Resultado está à vista: está criada **a primeira União de Associações de Matutuine!** E não será exagero adaptar para este caso a frase: “um pequeno passo para o Homem...um grande passo para Matutuine”. Por outro lado, do desafio inicial lançado a 15 associações, apenas cinco não conseguiram acompanhar o projecto, sendo que as restantes, saíram claramente fortalecidas, mais conhecedoras do seu potencial, mais organizadas, mais motivadas e a grande maioria pronta a trabalhar de forma diferente.

Durante o projeto gerou-se maior conhecimento, mais partilha, mais trabalho conjunto, maior participação, suscitámos o interesse, a procura, a luta, ouviu-se a voz, a opinião de quem nunca o tinha feito. Iniciou-se o caminho. As Associações de Matutuine estão agora mais fortes mas têm ainda pela frente o maior dos desafios: conseguirem juntas lutar contra a pobreza e serem agentes ativos e determinantes no Desenvolvimento do Distrito, das Associações, das Famílias e de cada um.

E - ANEXOS

Anexo 1. Estudo sobre as Associações rurais do distrito de Matutuine

